

Por Isabel Dourado, Rudolfo Lago e
Tales Faria

SABATINA/RICARDO CAPPELLI

“O BRB não chega à posse do próximo governador”

Ao Correio da Manhã, candidato do PSB diz que é impossível saber o tamanho do rombo do banco

O candidato do PSB ao Governo do Distrito Federal, Ricardo Cappelli, não alimenta muitas esperanças. Para ele, o Banco de Brasília (BRB), em dificuldades desde a tentativa de compra do Banco Master de Daniel Vercaro, não conseguirá resistir à posse do próximo governador, marcada para o dia 6 de janeiro. Cappelli considera que haveria uma tentativa deliberada de esconder o real tamanho do rombo do BRB, talvez com o intuito de privatizá-lo. Arruda propõe ainda um choque de gestão na saúde. Diz que fará uma auditoria no Instituto de Gestão Estratégia de Saúde do DF (Iges-DF). “Vai sair gente presa de lá”, afirma. Veja abaixo a sabatina do candidato:

Na maioria das unidades da federação, PT e PSB estão unidos em coligação, além da coligação federal, como Lula como candidato a presidente e Geraldo Alckmin como vice. Por que não foi possível fazer essa coligação no Distrito Federal? O senhor não tira votos do candidato do PT e vice-versa?

O PT, desde o início, insistiu em ter dois nomes na chapa majoritária: o próprio candidato atual e Erika Kokay ao Senado. Isso criou dificuldades, uma vez que você tem três nomes principais, que são o governador e os dois candidatos ao Senado. Se um partido, de cara, já quer indicar dois dos três, isso acaba criando uma dificuldade. E a segunda dificuldade é que eu tinha um entendimento, desde o início, de que nós tínhamos que trabalhar para construir uma chapa que fosse além da esquerda, mais ampla, enquanto o PT defendia a construção de uma chapa de esquerda no Distrito Federal. Então, nós tivemos visões distintas, e é natural, numa eleição que tem dois turnos, os partidos apresentarem as suas candidaturas. Nós mantemos uma boa relação e espero que estejamos juntos no segundo turno.

O senhor esperava um resultado melhor nas pesquisas do que está tendo agora? O PT acabou surpreendendo e pegando o segundo lugar...

Não. Saíram 15 pesquisas, você está citando uma só [AtlasIntel de 3 de setembro]. Então, acho que é natural para essa fase da campanha. Essa pesquisa a que você se refere foi completamente fora do padrão de todas as demais. Qual é a questão? Eu sou o único que nunca fui candidato a nada no Distrito Federal. Portanto, sou o

mais desconhecido. E isso, com o avançar da campanha vai sendo superado. Numa dessas pesquisas, saiu um dado que me animou muito, porque de cada 10 pessoas que me conhecem, oito dizem que votam em mim. Então, estou muito animado com a possibilidade de crescimento da nossa candidatura. Ainda temos quatro semanas pela frente.

Com relação a essa questão do desconhecimento, os seus adversários ficam batem que, embora o senhor tenha vivido em Brasília, tenha se formado jornalista em Brasília, o senhor seria, de certa forma, um turista na cidade. O senhor tem uma boa parte da sua experiência fora da cidade, no Maranhão, no Rio de Janeiro. Como é que o senhor rebate isso?

Não, não é verdade. A minha experiência foi aqui. Eu trabalhei oito anos para o governo do Maranhão, sendo seis anos aqui em Brasília, morando em Brasília. Eu tenho 26 anos de experiência na administração pública, a maior parte disso no Distrito Federal. Foram, acho, sete ou oito anos no Ministério do Esporte, seis anos no Governo do Maranhão em Brasília. Eu cheguei aqui em 2003 para trabalhar no primeiro governo Lula, no Ministério do Esporte, na época. Então, já são 23 anos. Nesses 23 anos, eu saí daqui duas vezes: para trabalhar três anos em Nova Iguaçu e dois anos finais do governo do Flávio [Dino] no Maranhão.

Então, desses 23 anos, são 18 anos aqui. Minha filha mais velha, de 15 anos, é nascida e criada no Distrito Federal. Eles falam isso por quê? Porque eu nunca fiz política no Distrito Federal. Então, eu não participei e não participo dessa panelinha política apodrecida que está aí há anos e que conseguiu, com o maior orçamento do Brasil entregar a pior educação do Eu concordo com eles: eu sou forasteiro mesmo. Eu sou de fora dessa panelinha política apodrecida do Distrito Federal.

O senhor agiu aqui no DF, na questão do 8 de Janeiro, com certo pulso firme. Como é que o senhor acha que deveria se agir agora em relação à grave crise da Justiça em Brasília? Está faltando pulso firme?

É muito estranho tudo o que está acontecendo. Nós estamos, hoje, a 26 dias das eleições. Por que os inquéritos relacionados ao escândalo do banco Master; todos eles, e são vários, estão sob sigilo? Por quê? O que é que o ministro André Mendonça esconde da população do Distrito Federal? Cadê os inquéritos que envolvem o ex-governador Ibaneis Rocha? Cadê a delação de Paulo Henrique Costa, ex-presidente do BRB? Por que o inquérito do Dark Horse, que é um dos inquéritos relacionados ao banco Master, continua sob sigilo? Por que ele quebra o sigilo de uns e não quebra de outros? Ele hoje (ontem) afastou o diretor-geral da Polícia Federal. Ele disse que chegaram ao ministro Alexandre de Moraes do-

cumentos, supostos documentos apócrifos. Ninguém assina, não tem cabeçalho, não tem nada, que aquilo não servia para nada. Ora se esses documentos não serviam para nada, como é que foram utilizados como argumento para afastar o diretor-geral da PF? Será que é porque o diretor-geral da Polícia Federal vinha questionando a condução parcial do ministro André Mendonça nos inquéritos? Então, é muito grave o que está acontecendo. É inadmissível que a Justiça brasileira, a mais alta Corte, haja assim a 26 dias das eleições.

O senhor propõe o programa Fila Zero, para zerrar a fila da saúde. Como o programa funcionará na prática?

Primeiro nós vamos acabar com a corrupção na saúde. Em sete anos do governo Ibaneis-Celina Leão, foram cinco secretários de Saúde diferentes, sendo que um foi preso durante a pandemia. Em sete anos de governo Celina e Ibaneis, nós tivemos cinco ou seis secretários de Saúde, é quase um por ano. Por que troca tanto o secretário de Saúde? Veja, escândalos de corrupção sucessivos. O Iges virou um antro de corrupção e cabide de emprego. Tem mais de 800 pessoas nomeadas no Iges. Cabo eleitoral para tudo que é lado. Então, a primeira atitude: eu vou fazer uma auditoria. No primeiro dia, eu vou instalar uma auditoria no Iges. E tudo indica que nós vamos botar muita gente na cadeia. Segunda medida: no primeiro dia,

eu vou abrir processo para contratar os profissionais de saúde que estão faltando. Veja, eu até compreendo, eu trabalho com administração, com gestão, há 26 anos. Você conseguir contratar um profissional de saúde, um médico, para levar ele para o interior do Pará é difícil. Cidade pequena, o médico não quer ir. Agora, qual é a dificuldade de contratar médico para trabalhar na capital do Brasil? Por que estão faltando 5,3 mil médicos? Isso é um documento oficial que a Secretaria de Saúde encaminhou para a Comissão de Saúde da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Esses números são oficiais. Nós vamos dar um choque de gestão, demitir os apadrinhados, acabar com a corrupção. Segundo, abrir processo para fazer todas as contratações que estão faltando.

Como solucionar o problema do BRB?

O BRB é um problema colossal para o DF. Tudo indica que o BRB está quebrado. Eles estão apenas manobrando a quebra do BRB para depois da eleição. Qual o tamanho do rombo do BRB? Ninguém sabe. É R\$ 12 bilhões, é R\$ 16 bilhões, é R\$ 20 bilhões? É um banco público que está há mais de um ano sem apresentar um balanço. Isso é um escândalo. Eu acho, infelizmente, que o BRB não chega ao dia 6 de janeiro de 2027, que é a data da posse do novo governador. O que eles fizeram agora foi uma manobra inédita na história do Brasil. O BRB seria liquidado na semana passada. O governo entrou com um pedido no Supremo, e Fux, o ministro Fux, deu uma decisão inédita na história do Brasil. Na minha opinião, essa decisão colocou em xeque todo o sistema financeiro nacional. Por quê? O Tribunal de Justiça da Bahia tinha um contrato com o BRB para manter no banco os seus depósitos judiciais. O contrato venceu e o TJ da Bahia, sabendo das fragilidades do BRB, anunciou que ia retirar o dinheiro. Se o TJ da Bahia retira o dinheiro, no dia seguinte o Banco Central liquida o BRB. O que o Fux fez? Deu uma decisão obrigando o TJ da Bahia a deixar o dinheiro no BRB. Já imaginou isso? Você tem o dinheiro no banco. Aí você quer tirar o dinheiro e o juiz fala: “Não, você está obrigado a deixar o dinheiro no banco”. Gente, isso é o fim do sistema financeiro nacional.

O BRB não tem solução?

É difícil afirmar, porque ninguém sabe o tamanho do buraco. Eu acho que a tendência, infelizmente, vai ser um desastre para a cidade. Eles estão só protelando para o banco ser liquidado ou privatizado depois da eleição.



SERGIO NERY/CORREIO DA MANHÃ

Para Cappelli, problema do BRB está sendo empurrado para futura privatização